

E' pois de grande alcance para a arte, que poetas e musicos se aproximem, e de mutuo e consciante accôrdo trabalhem para a creação de uma musica artistica nacional.

Seguindo este caminho, quer dizer, ligando a versificação e o canto, veremos surgir para as duas artes uma epoca de vigoroso renascimento.

E' este o ideal que nos dirige, n'esta tentativa de apresentação de *Melodias portuguezas*.

CONDESSA DE PROENÇA A VELHA.



O NOSSO ANNIVERSARIO

Completa hoje o primeiro anniversario a nossa revista.

Convictas de que temos cumprido o nosso lema, de que nos temos mantido inalteravelmente no nosso posto e orgulhosas pelo indulgente acolhimento que o publico nos tem dispensado, registramos com prazer esta data.

Não representa, decerto, uma victoria gloriosa em prol do nosso Ideal; sabemos, e bem, que não pode a Historia da evolução do fememismo aureolar-se com mais um louro pelo que, no nosso humilde trabalho, temos feito em seu favor. Todavia representa, para nós, um anno de luctas e de novos estímulos adquiridos para mais accentuarmos a nossa tentativa, para proseguirmos, litando o olhar no horizonte esfumado do porvir, com mais amor na nossa empreza.

A nossa revista tem sido para todos e o publico intelligente e illustrado assim o tem comprehendido.

Temo-nos esforçado para que a todos dê uma parcella de interesse; e assim nas diversas secções insertas apenas temos visado que tão lida seja na modesta habitação do simples operario onde lhe vá suavisar as escassas horas de ocio, como no elegante *boudoir* da dama aristocrata onde vá, por momentos, preoccupal-a com a reflexão do papel elevado que a futura sociedade culta lhe imporá.

O caracter instructivo aliado ao recreativo tem sido o nosso fito.

A orbe intellectual do nosso paiz é ainda muito restricta para que n'ella fortifiquem ideias aridas e sopros gélidos de philosophias excessivamente graves e pesadas. O methodo esthetico para esclarecer espiritos embryonarios ou incultos é, sem duvida, um processo effcaz e cujas vantagens hão-de ser reconhecidas n'esse futuro tão indeciso da nossa tão querida Patria onde agora, idealmente, mergulhamos os olhos sedentos da luz da razão e da justiça.

Não podemos fazer chegar o nosso povo ao conhecimento d'uma verdade que lhe abra os humbraes do seu viver feliz e da sua autonomia individual sem que, primeiramente, procuremos, por meios habeis, illuminar-lhe o espirito e fazer vibrar-lhe as fibras mais delicadas do sentimento.

O louvor, tambem, ao merito é um dever intellectual para quem o dá e, simultaneamente, um prazer e um estímulo para quem o recebe e para quem o ouve ou lê. E' por isso que nós, propondo-nos a trabalhar em defeza da educação da mulher, temos aberto galerias onde pretendemos focalisar as individualidades femininas mais em preeminencia no mundo das Artes das Lettras e da Sciencia.

Começa o nosso anno novo e com elle novos alentos e doiradas esperanças entrevimos para continuarmos mais intensa e confiadamente na nossa lide.

Multiplos e vastos melhoramentos pensamos em introduzir na nossa revista e, n'esta lucta amovavel e desinteressada, apenas nos bafeja a esperança de continuarmos a merecer as sympathias dos nossos estimaveis leitores e os applaudes a nossa consciencia.

PERFIS FEMININOS

Condessa do Alto-Mearim



No mundo da Arte e na mais alta esphera social destaca-se, soberanamente, esta illustre dama pelos dotes de espirito e de coração que a adornam.

As concepções artisticas onde tem concretisado um sentimento tão subtilmente esthetico e

esmeradamente cultivado, são a mais cabal demonstração do seu formoso e peregrino talento. As suas telas parecem estar todas empregnadas das rescendencias espirituas que se emanam da sua sympathica individualidade.

Pode afirmar-se, convictamente, que é uma pintora consagrada. Tanto em exposições nacionaes como nas estrangeiras tem echoado, gratamente aos nossos ouvidos de portuguezas, vibrantes applausos ao indiscutivel valor artistico da nossa gentilissima compatriota.

Residindo habitualmente em Paris, ali, no grande centro intellectual tem a Sr.^a Condessa de Alto Mearim podido dar expansão ao seu requintado gosto pela Arte, orientando-o admiravelmente.

E, ao vermola tão maravilhadamente suggestiva de esplendor e formosura, evoca-se-nos a reminiscencia da suavidade etherea e dos coloridos rosicleras com que Rafael traçou as suas Virgens — essas creações divinas que a alma da nossa illustre perfilada, sedenta de luz, tem de certo, idealmente entrevisto nas aladas phantasias do seu culto pela Arte.



CANTARES

Dichas, amor y esperanza del alma inquieta delirios lagrimas y desengaños forman los cantares mios.

No me finjas la pasión pues sería una crueldad abrir la puerta del cielo para volverla á cerrar.

Quando recibo tuas cartas me parece que recibo en cada linea un abraço e en cada letra un suspiro.

Tu dices que no me has visto hace lo menos un año yo te veo á cada instante á fuerza de deseá-lo.

Fué tu amor como relámpago que mis ojos deslumbró tan sólo duró un instante y por siempre me cegó.

Todo presidiario canta cuando rompe su cadena yo quiero cantar alegre que se acabaron mis penas.

(Do livro — *Notas del Alma*).

CARMEN DE BURGOS Y SEGUL.

«MISERERE NOBIS!»

In illo tempore — havia em Coimbra um velho chamado dr. Nunes, que era lente da Universidade. Este dr. Nunes tinha sido por signal, professor de D. Pedro V, e já eu o não conheci por lá.

Mas era pelos modos um santo velho, muito amigo dos rapazes, deixando-os fazer na aula tudo o que elles queriam!

Estudar, nem palavra! Bem podia moer-se o dr. Nunes a explicar-lhes a *Encyclopedia*, que os rapazes não queriam saber de *Encyclopedia*, todos os dias iam para a aula completamente em branco; jogavam de porta; quando o dr. Nunes chamava algum, esse respondia — *não vi!* — e se sempre havia um que dava lição, o pandego disparatava á larga e sem se importar; — fóra o mais!

O mais, era, por exemplo, judiaria grossa dentro da aula: espirros geraes do curso quando o dr. Nunes fungava a sua pitada, um — *atchim!* — monumental que era de ir abaixo a Universidade; e tiroteios com balas de artilheria feitas de jornaes velhos de bancada para bancada, acompanhados, já se vê, do ruido do tiro — *Pum!* — *Pum!* — *Pum, pum!* Em certos momentos de silencio outras vezes, quando cada um lia o seu romance e o dr. Nunes explicava *Encyclopedia* unicamente ao seu lenço de assoar, ouvia-se de lá um — *Ai!* — como de viuva, muito gemido, que era de cortar o coração!

... Atraz do ai, uma gargalhada geral!

E o dr. Nunes, coitado, — moita!

Lá ia moendo a *Encyclopedia* até dar o quarto; e quando a arruaça é como se a não ouvisse.

Moita, o dr. Nunes!

Deixar brincar os rapazes!

Quando apparecia algum *ouvinte* o *ouvinte* tinha que ver com os rapazes; e outras vezes, era o *bode expiatorio* o proprio bedel! Quando o bedel se punha a ver quem faltava, passando os olhos, muito de vagar, pelas bancadas do curso, havia sempre meia duzia de rapazes que se agachavam — fingido que tinham faltado... O bedel, é claro, marcava-lhes faltas, e o dr. Nunes tambem. Mas no fim, quando o bedel repetia os numeros dos que *faltavam*, cada qual defendia-se logo.

— Não senhor! Estou aqui!

— Não senhor! Estou presente!

— *Adsum!*

— *Ecce!*

Um grande banzé!

E o bedel... a bufar!

E o dr. Nunes... moita!

Mas um dia, de que demonio se haviam de lembrar os rapazes? De cantar na aula uma Ladainha!

E rompe o n.º 1:

— *Santa Virgo Virginis!*

E logo o curso todo, em grande instrumental, uns de baixos, outros de tenores, outros de contraltos, e os restantes formando a orchestra — responde n'um alarido medonho:

— *Ora pro nobis!*

... E o pobre do Nunes, — moita!

Mas quando chegou ao fim a Ladainha, — parece que o Nunes accordou, e sahe-se com esta para o curso todo!

— Muito bem! muito bem! Os senhores agora dizem *Ora pro nobis*. Pois no fim do anno, no fim do anno dirão — *Miserere nobis!*

TRINDADE COELHO.